

HISSA, CÁSSIO EDUARDO VIANA (ORGANIZADOR). SABERES AMBIENTAIS: DESAFIOS PARA O CONHECIMENTO DISCIPLINAR. BELO HORIZONTE: EDITORA UFMG, 2008. 311p.

Samira Peruchi Moretto

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História UFSC

samirapm@gmail.com

Após a década de 1970, com o alerta a uma iminente crise ambiental, as questões ligadas ao meio ambiente passaram a serem discutidas em diversas áreas do conhecimento. No entanto, muitas pesquisas direcionadas pelo paradigma da ciência moderna, mantiveram-se conservadoras e relutantes à proposta transdisciplinar.

O livro Saberes Ambientais foi lançado em maio de 2008, na Bienal do Livro de Minas Gerais. A obra ganha destaque ao propor a transdisciplinaridade dentro da questão ambiental e fazendo uma crítica a ciência que aposta no individualismo das disciplinas. O grande diferencial deste conjunto de ensaios não é apenas o fato de se mostrarem favoráveis a proposta transdisciplinar, mas a maneira que são colocados em prática.

Este livro vem para reforçar a necessidade da transposição das fronteiras disciplinares e mostrar como pode ser feita esta integração. Tal proposta faz parte do projeto de pós-doutorado de Cássio Viana Hissa, professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade Federal de Minas Gerais, organizador deste livro, que escreve cinco dos dezessete capítulos, em sua maioria ensaios, que compõem a obra. Os demais autores são profissionais de distintas áreas do conhecimento, apresentando diferentes visões sobre o meio ambiente.

Prefaciada pelo sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, que reverencia esta obra por apostar na junção do que foi separado pela ciência moderna, afirma que o livro assume com fidelidade a proposta de aproximar a natureza da sociedade, a ciência dos outros saberes, assim também como o conhecimento tradicional da sabedora acadêmica.

No primeiro capítulo Cássio Eduardo Viana Hissa, em Fronteiras da Transdisciplinaridade Moderna, faz uma análise histórica da gênese do Estado

Moderno para legitimar os indícios das especificidades e vazios da modernidade, que se perpetuaram até os dias de hoje. O autor afirma que a ciência moderna provocou diversas formas de *aphartheid* entre os homens, sociedades e cultura. Mesmo dentro das Universidades existem muralhas e as questões ligadas ao mundo natural vêm desafiando tais fronteiras e propondo a transdisciplinaridade.

Renata Moreira Marquez, professora do Centro de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Leste de Minas, em *Imagens da Natureza*, traz à tona a discussão de que o homem, a partir da década de 1970, não mais visualiza a natureza como simples cenário e passa a se sentir fazendo parte desse espaço. Deixou-se de atribuir adjetivos como belo e feio à natureza, visualizando-a de maneira ontológica.

Na seqüência, Cássio Hissa, em *Saberes Ambientais – A prevalência da abertura*, conceitua epistemologia como estudo crítico e reflexivo das hipóteses e dos resultados obtidos pelas diversas áreas do conhecimento científico. Entretanto, o autor afirma que a epistemologia moderna contribuiu para a consolidação dos limites entre as diversas disciplinas. Hissa contradiz o discurso da ciência moderna, o qual afirma que estamos vivendo melhor. O autor encerra considerando que a emergência da crise ambiental levou à discussão acerca da natureza, onde os paradigmas modernos não parecem majoritários, sendo assim, um território de convergência de saberes, necessariamente de caráter transdisciplinar.

O historiador Marcos Lobato Martins contribui com o capítulo *História e Meio Ambiente*, onde aponta que durante muitos séculos, a economia e os conflitos mundiais, prevaleceram como única escolha entre os temas a serem estudados pela história. O Movimento dos Annales, no final da década de 1920, deu abertura para estudos com novas abordagens e apoio aos estudos multidisciplinares. A natureza aparece dentro do enfoque histórico sem caráter totalmente pragmático, apenas no século XX.

Após o aparecimento da crise do meio ambiente emergente na década de 1970, a História Ambiental ganha força, com a proposta de estudar as relações do homem e da natureza, requerendo para isto o diálogo sistemático com quase todas as ciências naturais e as demais disciplinas. Consolidada nos Estados Unidos e na Europa, o autor afirma que no Brasil a História Ambiental não é respeitada com amplitude entre historiadores e cientistas sociais. Encerra o ensaio levantando a polêmica em torno do

conceito sustentável, que no seu entender atualmente apenas legítimas práticas indevidas à natureza.

Em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Um convite à leitura, Heloísa Soares de Moura Costa, professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFMG, considera falho o termo Desenvolvimento Sustentável. Utilizado a partir da década de 1980, já que os países que alcançaram o dito “desenvolvimento” aumentaram paralelamente as desigualdades sociais e agravaram a crise do meio ambiente, não aplicando a sustentabilidade.

No sexto capítulo, A Crise Ambiental e a Mercantilização da Natureza, a socióloga Gilda Helena Barcellos elenca como com o passar dos séculos agregou-se valor comercial à natureza, principalmente na cultura ocidental. Mostra como os países do hemisfério Sul, foram estigmatizados pelos países capitalistas do Norte como incapazes de controlar seus recursos naturais, e que estes mesmos países do Norte se disponibilizam a administrar tais recursos.

Paulo Dimas Rocha de Menezes, Diretor Executivo do Instituto Cidade de Belo Horizonte, apresenta em Oportunidade da Água temas urgentes a serem estudados e alterados no Brasil, sendo eles: a questão ambiental, sociocultural e falta de planejamento por parte das instituições governamentais. Chama a atenção para a crise em torno da falta de água potável, e mostra que a criação da Lei da Água não está sendo suficiente para a manutenção e preservação hídricas.

O oitavo capítulo, Territórios, Ambiente e Gestão, autoria de Ralfo Edmundo da Silva Matos, professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFMG, classifica o território em ambientes nos quais se desenvolvem conflitos e processos que dão sentido espacial e econômico à história social da humanidade. Entretanto os espaços territoriais são vistos pelas entidades governamentais como locais de investimentos setoriais, sem um comprometimento maior com as causas sociais e ambientais.

Em Mobilidades, Adensamentos e Rarefações, Hissa aborda as preocupações com conceitos e com a utilização de certas terminologias que ocasionam um relativo fechamento do discurso científico. Discorre sobre as fronteiras territoriais, sobre o crescimento demográfico e constata que houve o aumento de problemas sociais e ambientais após a década de 1970, quando a maior parte da população do país já se concentrava na área urbana.

O décimo capítulo, intitulado Ética e Meio Ambiente, Reflexões sobre lugares do Homem na Contemporaneidade, escrito pelo professor da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Marcelo José Caetano, reflete sobre as escolhas do homem no relacionamento com a natureza. Para o autor o ato de não cuidar do meio ambiente é o mesmo que não cuidar de si, lembrando que o homem faz parte das transformações do meio, dividindo com este, as consequências de sua escolha mal formulada. É a favor das descobertas científicas e metodológicas, desde que valores éticos conduzam o homem a transformações.

Nos últimos 30 anos, em função da crise, a questão ambiental é tratada com relevância na política, na economia, e na academia. A mídia contribui para alavancar tais discursos, como aponta Simone Maria Rocha, professora do Departamento de Comunicação Social da UFMG, em Mídia e Meio Ambiente, Reflexões sobre a Natureza de uma Relação. Critica como as notícias ambientais sofrem a sazonalidade da informação, isto é, não recebem os tratamentos adequados nem qualidade na transmissão de informação. Desafia os que lidam com a comunicação para que tenham uma postura crítica, respeitosa, e integradora do homem com a natureza.

No capítulo seguinte, a geógrafa Ângela Maria da Silva Gomes, em Entre os Conflitos da Biodiversidade Física e os Redemoinhos da Biografia Cultural, conceitua a Biogeografia como um estudo da distribuição dos seres vivos sobre a terra e das causas que a condicionam. Mostra como a natureza foi transformada pela sociedade do século XX em fator de produção e lucro, e ainda como o conhecimento científico fragmentado dificulta os estudos e acalenta a crise ambiental

Em Espaço Agrário e Gestão Ambiental, A trajetória da Agricultura familiar, a autora Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira, doutora em Geografia, apresenta a situação da agricultura familiar no Brasil, onde teve sua autonomia reduzida frente à agroindústria, necessitando encontrar novas formas de complemento de renda. Afirma a importância em retomar os métodos do produtor familiar, que trabalhava predominantemente com a policultura e garante melhor manutenção do bioma.

Crispim Moreira, Diretor da Secretaria Nacional de Segurança Alimentar do Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome, escreve o décimo quinto capítulo da obra, com título o Trajetória Contemporânea da Agricultura Urbana. Nela retrata as condições socioeconômicas de diversas famílias de trabalhadores que vivem nas

metrópoles e praticam a agricultura de subsistência. O autor denomina este fenômeno como sendo agricultura urbana, reflexo de problemas sociais e políticos.

Em *Cidade e Ambiente, Dicotomias e Transversalidades*, Cássio Hissa afirma que o conceito de ambiente não é recente e diante da crise necessita cada vez mais ser discutido. Dá crédito à idéia de que o homem não se coloca fazendo parte da natureza, vendo-a como o outro. A natureza foi transformada em recursos e colocada dentro da lógica da capitalista de exploração.

Adriana Ferreira de Melo, doutora em Geografia e Diana Maria dos Santos, mestre em literatura, mostram em *Cidades e Escritura – Cartografias do Transitório*, que há diversas possibilidades de escrever e ler o mundo, principalmente através de textos literários. Exemplificam com a obra de Rubem da Fonseca que convida a um estimulante passeio as ruas do Rio de Janeiro.

Cássio Hissa, juntamente com Adriana Ferreira Melo, encerram o livro com *O lugar e a Cidade - Conceitos do Mundo Contemporâneo*. Trabalham mais uma vez com conceitos, agora com as representações de lugares e cidades. Comentam que cidade e lugar embora possam assumir uma natureza distinta, permitem abordagens teóricas que se atravessam. Com a globalização, a distinção entre os lugares é feita através das diferenças financeiras que distanciam o mundo da igualdade social.

Quase todos os artigos tangenciam questões como a precariedade do conceito de “sustentável”, os problemas da hegemonia das ciências modernas, o valor comercial atribuído à natureza e a exclusão do conhecimento comunitário no meio acadêmico. A exceção se encontra no penúltimo capítulo, *Cidades e Escritura*, onde o texto é descritivo e não se encaixa com as pesquisas mais analíticas e concisas que formam o restante da obra.

É relevante comentar que nas mais diferentes disciplinas, a discussão da questão ambiental está ganhando espaço e legitimação. A denominada História Ambiental, que desde sua formação valoriza a relação interdisciplinar, está conquistando representatividade no Brasil. O país foi sede do IV Simpósio da Sociedade Latino-americana e Caribenha de História Ambiental (SOLCHA), realizado em maio de 2008 em Minas Gerais, onde se percebeu a grande quantidade e qualidade das pesquisas ambientais de brasileiros e estudiosos da América Latina.

Enrique Leff, em sua obra *Saber Ambiental* (2001: 20), considera um equívoco conceber o saber ambiental como homogêneo, já que sua construção acontece por um

constante intercâmbio interdisciplinar. Afirma que o saber ambiental só pode ser forjado por meio de um diálogo de saberes entre as mais diversas identidades culturais, práticas tradicionais e processos produtivos. O organizador Cássio Eduardo Hissa, aprovando a quebra da homogeneização da ciência, colocou em prática a proposta de Leff e mostrou a perspicácia da junção dos saberes. O livro contribui para estimular e ampliar novas pesquisas no âmbito transdisciplinar.

Referências Bibliográficas:

HISSA, Cássio Eduardo Viana (organizador). Saberes Ambientais: Desafios para o conhecimento disciplinar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. 311p.

LEFF, Enrique. Saber Ambiental: Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade e poder. Petrópolis: Ed. Vozes, 2001.